

A CONCEPÇÃO DE FILOSOFIA EM ADORNO

*Rafael Cordeiro Silva**

Resumo: O artigo tem como intenção explicitar o conceito de filosofia em Adorno e sua crítica à tradição pós Hegel. A partir de dois ensaios do autor, pretende-se demonstrar como Adorno se apropria do pensamento de Hegel na construção da dialética negativa. Ao final, alguns questionamentos são feitos relativos ao quadro epistemológico no qual Adorno organiza seus argumentos.

Unitermos: Teoria Crítica, Dialética Negativa, Epistemologia.

Abstract: L'article a l'intention d'expliciter la conception de la philosophie chez Adorno et sa critique à la tradition après Hegel. En utilisant deux essais de l'auteur, on veut démontrer comme Adorno s'approprie de la pensée de Hegel dans la construction de la dialectique négative. À la fin, on propose des questions relatives au cadre épistémologique dans lequel Adorno organise ses arguments.

Adorno é um pensador que articula uma gama vastíssima de reflexões abrangendo estética, música, sociologia e filosofia. Seu objetivo central é conceber uma teoria que faça emergir os mais sutis mecanismos de dominação das sociedades contemporâneas.

A partir desta diversificada incursão temática, o propósito central deste estudo é procurar explicitar como o autor concebe a filosofia. De sua obra, foram selecionados dois ensaios: "Para que ainda filosofia?" (1962), publicado originalmente na coletânea Intervenções (Engriffe) e a introdução de Dialética negativa (Negative Dialektik), publicada em 1966 - representativos da maturidade intelectual do filósofo.¹

*Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

1 - Utilizamos as traduções espanholas. O texto "Para que ainda filosofia?" foi traduzido por "Justificación de la filosofía" e publicado na coletânea "Filosofia y superstición". Doravante citaremos apenas pelo título da obra espanhola.

A linguagem hermética e a asistematicidade da obra de Adorno tornam árduas as tentativas de compreensão de seu pensamento. A título de exemplo, o tradutor inglês de *Dialética negativa* assumiu esta dificuldade ao afirmar que durante e depois da tradução passava páginas e páginas sem compreender a profundidade do texto. Afinal, trata-se da obra mais densa de Adorno.²

Este estudo encontra-se dividido em três partes que tentam elucidar a concepção de filosofia em Adorno, a partir da reconstrução do pensamento do autor. No primeiro momento, nossa atenção se detém sobre a posição do filósofo quanto à situação do pensamento contemporâneo.

1 - A Situação da Filosofia após Hegel

Adorno constata, inicialmente, que a filosofia posterior a Hegel conseguiu sobreviver sem possuir, no entanto, o *status* que outrora lhe era outorgada. Num mundo dominado pela racionalidade reduzida às dimensões da ciência e da técnica, o pensar filosófico perdeu significância. Daí evidencia-se o fato de que a filosofia, atualmente, passou a ocupar uma posição pouco ou nada prestativa para a formação do ser humano.

Os tempos áureos de Hegel não têm mais ressonância em nossos dias. A filosofia já não faz frente a outros setores do conhecimento no processo de formação do indivíduo e de conhecimento da realidade. Adorno, neste sentido, constata essa situação:

(A filosofia) “já não é utilizável para as técnicas de domínio da vida... A filosofia não oferece tampouco um meio de educação para além dessas técnicas como durante a época de Hegel... A crise do conceito humanístico de educação (...) está submetida, na consciência pública, a filosofia como primeira disciplina, depois que desde a morte de Kant aproximadamente se fizera suspeita por sua errônea relação para com as ciências, para com as da Natureza sobretudo. Os renascimentos kantianos e hegelinos (...) não modificam

2 - Cf. Barbara FREITAG. *Teoria Crítica ontem e hoje*. p. 159.

muito as coisas. Por último, a filosofia se estabeleceu (...) como uma disciplina especial, purificada de todo conhecimento objetivo. Com o que negou aquilo pelo qual possuía seu próprio conceito: a liberdade do espírito que não obedece a imposição do saber disciplinar. Ao mesmo tempo, por sua abstinência de conteúdo determinado, (...) declarou sua bancarrota frente às reais finalidades sociais.”³

Por outro lado, a filosofia assistiu a evolução de um processo paralelo, caracterizado pela perda gradativa de campos do conhecimento que se emanciparam do seu domínio. Com efeito, no século XIX, surgiram novas disciplinas que reivindicaram para si o estatuto de cientificidade, implicando numa cisão com a filosofia e na aspiração a pretensões de validade específicas para o tipo de saber que propunham. Adorno comprova que:

“Apenas ficou para ela (a filosofia - RCS) a alternativa de fazer-se ela mesma uma ciência ou ser um enclave minúsculo e tolerado, que, como tal, contradiz ao que a filosofia quisera ser: algo não particular.”⁴

Os desdobramentos teóricos posteriores ao pensamento de Hegel pretendem valer-se como substitutivo para a lacuna deixada pelo idealismo alemão. Porém, a conclusão de Adorno não aponta neste sentido, pois a ontologia fundamental e o positivismo - escolas de pensamento contemporâneas a Adorno - não podem ser considerados empreendimentos representativos. Constituem-se, ao contrário, em alvo de crítica. O irracionalismo da ontologia fundamental e o reducionismo epistemológico do positivismo são encarados como atrofias da própria razão. Estas doutrinas atentam contra uma premissa importante para a teoria crítica adorniana: são, em igual medida, céticas quanto à possibilidade da dialética como fator de análise da realidade.

Para o positivismo o que interessa são os fatos. Sob este aspecto, a especulação filosófica acaba sendo concebida como um conjunto de afirmações

3 - Theodor W. ADORNO. *Filosofia y superstición*, p. 10.

4 - Theodor W. ADORNO. *Filosofia y superstición*. p. 10-11.

destituídas de sentido, não podendo aspirar a pretensões de validade. O positivismo apresenta, deste modo, um ideário pautado pela defesa de um método de conhecimento reducionista. Para Adorno, o positivismo é consciência que se coisifica, na medida em que se restringe aos dados sensíveis como fonte de conhecimento da realidade.

Quanto à ontologia fundamental, de imediato surge um questionamento. Com efeito, a interpretação ontológica da realidade não tem mais lugar numa sociedade contemporânea. Para Adorno, *“exigir da filosofia que se detenha no problema do ser ou outros temas capitais da metafísica ocidental é um primitivismo...”*⁵. Isto significa insistir numa temática já superada desde Descartes. A ontologia é cega contra a mediação do conceito. Mas ela não percebe que *“suas palavras são conceitos inegavelmente, a não ser que, em geral, não tivessem tido que ser pensados”*, conclui Adorno. Vale a pena insistir, sob este aspecto, que o argumento de Adorno apresenta-se como contraponto em relação ao pensamento de Heidegger. Segundo Rodrigo Duarte, trata-se do questionamento dirigido *“contra a simulação de um frescor filosófico a partir da restauração de um passado longínquo, como na Ontologia Fundamental de Martin Heidegger.”*⁷

Essas escolas de pensamento, ao serem confrontadas ao empreendimento filosófico de Adorno, constituem-se em pontos de vista arbitrários, pois sustentam concepções que apontam para a supressão do filosofar. Em outros termos, a filosofia, contra o positivismo, deve se ater ao indizível. Já em relação à ontologia contemporânea Adorno é enfático ao afirmar: *“em Heidegger, o pensamento seria (...) respeitosamente carente de conceito, um passivo estar à escuta de um ser.”*⁸

Por outro lado, existem expressões de um pensamento mais coerente, como por exemplo a fenomenologia e o existencialismo. Todavia, não conseguem

5 - Theodor W. ADORNO. *Dialectica negativa*, p. 25.

6 - Idem, *Filosofia y superstición*, p. 15.

7 - Rodrigo DUARTE. Da filosofia da música à música da filosofia: uma interpretação do itinerário filosófico de Theodor W. Adorno, p. 25-6.

8 - Theodor W. ADORNO, loc. cit.

de fato preencher a lacuna do pensamento de Hegel. Contra a fenomenologia, Adorno faz a seguinte observação:

“A filosofia contemporânea recai ou na arbitrariedade de uma Weltanschauung se se decide por exceção a ser concreta - ou no mesmo formalismo do 'indiferente' contra o qual aticou Hegel. A evolução da fenomenologia, que em outro tempo recebeu seu impulso de aspiração ao concreto, o demonstra historicamente: atualmente se converteu em uma invocação do Ser, que recusa como impureza todo conteúdo. O filosofar de Hegel estava cheio de conteúdo o seu fundamento e resultado era o primado do sujeito ou (...) a identidade de identidade e falsidade.”⁹

Contra a fenomenologia, pesa ainda o fato de que, especificamente Husserl, mesmo adotando um espírito anti-sistemático, não conseguiu escapar da influência do sistematismo, por força de sua presença na consciência moderna. Por sua vez, o existencialismo, ao não conseguir se impor como filosofia pós-hegeliana, recebe de Adorno as seguintes ressalvas:

“O existencialismo (...) permaneceu preso ao idealismo... A falta de objeto nesta filosofia condenou a ação a um irracionalismo, que Sartre, como fiel ilustrado, foi certamente o último em pretender. A crença na liberdade absoluta de decisão é tão ilusória como o pode ser a do Eu absoluto, que imagina o mundo a partir de si.

A separação entre sujeito e objeto (pretendida por Adorno ao criticar Hegel - RCS) não pode ser superada pela redução à essência humana nem sequer tomando o homem como absoluta e isolada individuação.”¹⁰

9 - Idem, Dialectica negativa, p. 15-6. O termo Weltanschauung significa concepção de mundo e foi conservado em alemão na tradução espanhola.

10 - Theodor W. ADORNO. Dialectica negativa, p. 54 passim.

As considerações feitas até aqui procuraram mostrar que a filosofia encontra-se sufocada pela própria filosofia, isto é, as tentativas de ultrapassar a derrocada do pensamento hegeliano não encontram, segundo Adorno, consistência quanto ao empreendimento de um corpo teórico que restabeleça a dignidade que o idealismo alemão representou à sua época. Nesse sentido, os esforços dos pensadores que se seguiram a Hegel carecem de um substrato conceitual que seja capaz de dar conta da aporia da filosofia da identidade (isto é, da união de sujeito e objeto na figura do saber absoluto).

Contudo, um puro retorno a Hegel significaria pagar um preço demasiado alto para a filosofia. Ela encontra-se, portanto, diante de um conflito consigo mesma: não pode e não deve mais aspirar à totalidade por um lado, e, todavia, enveredar por este caminho significaria conspirar contra sua própria tradição. Nas palavras de Adorno,

“A aspiração de totalidade da filosofia tradicional, culminante na tese da racionalidade do real, é inseparável da apologética. E esta se converteu em absurda. A filosofia que se delineasse todavia como total, enquanto sistema chegaria, sim, a ser um sistema, mas de delírio. Se abre mão, entretanto, dessa aspiração de totalidade, se não aspira mais a desenvolver-se desde si mesma o todo, que há de ser a verdade, cai em conflito com sua tradição inteira.”¹¹

Diante do quadro esboçado acima, como conceber a filosofia nos dias de hoje?

2 - A Possibilidade da Filosofia

A filosofia, segundo a perspectiva de Adorno, ainda, é possível. Sob este aspecto, o pensamento crítico é mais do que nunca imprescindível no contexto do mundo burguês cuja racionalidade apresenta-se como totalizante e totalitária no quadro das relações sociais. A ponderação de Adorno sobre a importância da filosofia é bastante clara nesta passagem:

11 - Theodor W. ADORNO. Filosofia y superstición, p. 11-12.

“A filosofia, que anteriormente pareceu superada, segue viva porque deixou passar o momento de sua realização. O juízo sumário de que não fez mais do que mutilar-se a si mesma de pura resignação ante a realidade se converte em derrotismo da razão, depois que fracassou a transformação do mundo... Talvez a interpretação que prometeu uma transição à práxis tenha sido insuficiente... Mas uma práxis dinamizadora necessita dela.” (da filosofia - RCS)¹²

A filosofia adquire, para Adorno, a significação de uma instância redentora da própria razão, materializada como forma de resistência frente àquilo que se apresenta aos nossos olhos enquanto imagem distorcida da realidade. Esta resistência se mantém pela crítica constante da sociedade administrada.

Nesta medida, cabe ainda perguntar de que modo a filosofia é possível já que o hegelianismo, enquanto concepção totalizante da história, há muito perdeu sua significação. A filosofia, desenvolvida na forma de sistema, desintegrou-se porque comportava a diferença, mas a reduzia à identidade. A esperança de homogeneizar a realidade a partir de suas categorias revelou-se infrutífera, pois a realidade mostra-se irreduzível à filosofia de sistemas.

A unidade e a reconciliação são características do pensamento desenvolvido a partir do sistema hegeliano. Porém, *“nenhuma das reconciliações que afirmou o idealismo absoluto (...) foi sólida; isto vale para toda sua gama de soluções, desde as lógicas até as históricas e políticas.”*¹³ Por conseguinte, à filosofia pensada nesses termos, só lhe resta o qualificativo de dominadora e repressora. Neste sentido, Adorno afirma:

“Comum a toda filosofia vigorosa... é o princípio de que só é possível como sistema. Este princípio paralisou a filosofia... Antes de começar já se postulou aquilo de cuja verdade haveria de começar julgando

12 - Theodor W. ADORNO. Dialectica negativa, p. 11.

13 - *Ibidem*, p. 15.

acertadamente. O sistema, a forma de exposição fora da qual nada há, absolutiza o pensamento frente a todos os seus conteúdos e valoriza o conteúdo em pensamentos: é idealista antes de argumentar em favor do idealismo.”¹⁴

Como se constata, Adorno coloca o pensamento de Hegel sob a suspeita de “delírio sistemático”. Porém, se o empreendimento hegeliano fracassou em sua tentativa de compreensão da realidade, deve-se, em contrapartida, ao menos levar em consideração o método dialético por ele adotado para que se possa perceber qual a relação que a dialética estabelece com o real. Deste modo, Adorno pretende mostrar sua discordância com o pensamento de Hegel, valendo-se, todavia, de um elemento presente na própria filosofia de Hegel.

Desta maneira, o pensamento de Hegel é utilizado no aspecto em que se refere à dialética. Para Adorno, “*a teoria hegeliana da dialética representa a tentativa inigualada de mostrar-se com conceitos à altura do que lhes é heterogêneo.*”¹⁵ Filosofia é entendida, neste momento, como método dialético de leitura da realidade.

Para tanto, Adorno vale-se do mecanismo conceitual de desconstrução-reconstrução ao analisar o pensamento de Hegel. Por um lado, Hegel teria sido responsável pela visão sistemática e totalizante do mundo. Esta exigência foi incorporada pela burguesia que a transformou no seu horizonte de percepção social. Sob este aspecto, a dialética hegeliana é considerada em sentido depreciativo pelo fato de postular a identidade de racional e real na forma de síntese ou resultado, pois, para Adorno, a totalidade conceitual é uma ilusão. “*Toda e qualquer tentativa de síntese do pensamento se revela como sendo totalitária, afirmando uma realidade que por sua alienação profunda precisa ser permanentemente negada.*”¹⁶

Por outro lado, o pensamento de Hegel mostra sua outra face, na medida em que a dialética constitui-se ou pode servir como antídoto contra a

14 - Theodor W. ADORNO. Dialectica negativa, p. 32.

15 - *Ibidem*, p. 12.

16 - Barbara FREITAG. Teoria Crítica ontem e hoje, p. 159.

filosofia sistemática. Nestes termos, a dialética hegeliana é vista em um sentido positivo, enquanto esforço para pensar a realidade a partir da categoria da contradição.

O esforço de Adorno de pensar Hegel contra Hegel resulta em um conceito de dialética negativa. Em sentido afirmativo, Adorno entende que

*“Dialética (...) é (...) a tentativa, por meio da crítica imanente, de levar os pontos de vistas filosóficos para além de si mesmos e da arbitrariedade de pontos de vista.”*¹⁷

A dialética para Adorno é a “consciência conseqüente da diferença”, é o “*índice do que há de falso na identidade*”¹⁸. Esta concepção já é o bastante para manter distância com relação a Hegel. Enquanto a dialética postular a unidade como pretensão de totalidade, a diferença aparecerá como divergente, como carente de conceito. Acreditar na possibilidade de inversão dessa premissa é o signo distintivo do pensamento de Adorno. Se o conceito era o modo pelo qual se articulava a síntese da realidade na dialética idealista, tudo que era carente de conceito não podia participar desta mesma realidade. A justaposição do conceito com o real não é admitida por Adorno. Susan Buck-Morss apresenta, de maneira sucinta, os pontos centrais de convergência e divergência entre Hegel e Adorno.

*“Como em Hegel, a contradição, com a negação como seu princípio lógico, dotou a seu pensamento (de Adorno - RCS) de estrutura dinâmica e proporcionou a força motora para a reflexão crítica. Mas enquanto Hegel via na negatividade o movimento do conceito para seu ‘outro’, só um momento dentro de um processo maior para a consumação sistemática, Adorno não via possibilidade alguma de que uma argumentação se detivesse na síntese inequívoca.”*¹⁹

17 - Theodor W. ADORNO. Filosofia y supersticion, p. 18.

18 - Idem, Dialectica negativa, p. 13.

19 - Cf. Origen de la dialectica negativa, p. 139.

O apelo ao dissonante, ao divergente, ao não-idêntico constitui a negação da totalidade do sistema e esta possibilidade caracteriza a dialética concebida por Adorno. A dialética negativa não é senão o questionamento profundo da irreconciliabilidade de razão e realidade.

A dialética negativa tem como objetivo a separação entre sujeito e objeto que o idealismo unira sob a figura do sujeito absoluto. Este, para Adorno, era “a força que operava negativamente tanto cada um dos movimentos do conceito como seu processo de conjunto”. Na nova correlação de forças o sujeito perde sua soberania e se converte “na verdadeira forma de reflexão da objetividade”, o que, como consequência leva ao fortalecimento do objeto. Ainda nas palavras de Adorno, “*este predomínio não consegue superar a impotência de um pensamento que perde forças e desespera de poder determinar uma marcha do mundo mais poderosa do que ele.*”²⁰

Para Adorno, o interesse da filosofia reside não no genérico mas no particular, que na tradição filosófica foi considerado sem importância, como carente de conceito. Deve-se, portanto, promover a “*superação conceitual*” do conceito. O que podemos entender por esta expressão? Para Hegel o conceito é a essência necessária da realidade, o que o torna tal como é. A mediação conceitual é condição primeira de possibilidade para o processo do conhecimento.

Na nova formulação da dialética, o conceito perde o seu status. Conforme assinala Adorno, “*à filosofia é imprescindível (...) confiar em que o conceito pode superar o conceito...*”²¹. Mais adiante Adorno acrescenta que a filosofia não se esgota no conceito: “*sua razão de ser é (...) seu permanente descontentamento com a própria forma conceitual.*”²² Isso leva Adorno a pensar que “*um conceito necessita de componentes*

20 - Theodor W. ADORNO. *Dialectica negativa*, p. 15.

21 - Theodor W. ADORNO. *Dialectica negativa*, p. 18.

22 - Ibidem, p. 20. Para uma interpretação que aponta para a necessidade de auto-revisão por parte da filosofia enquanto antídoto contra sua própria reificação, remetemos o leitor ao excelente artigo de Rodrigo Duarte, anteriormente citado, especialmente às páginas 26-29. Nesta passagem Duarte mostra que o questionamento sobre a possibilidade da filosofia, segundo Adorno, encontra medida na proximidade que esta mantém com as artes.

irracionais meramente indicativos. E assim não é de estranhar que o conceito se caracteriza por sua relação com o que não é conceitual."²³ A conclusão a que Adorno chega quando o conceito é analisado a partir da reflexão crítico-filosófica é a seguinte:

*"O conceito leva consigo a sujeição à identidade, enquanto carece de uma reflexão que o impeça, mas essa imposição se desfaria com somente dar-se conta do caráter constitutivo do irracional para o conceito. A reflexão do conceito sobre seu próprio sentido lhe faz superar a aparência de realidade objetiva como uma unidade de sentido. A desmitologização do conceito é o antídoto da filosofia. Impede sua proliferação até converter-se no absoluto."*²⁴

A possibilidade de uma reflexão filosófica passa ainda por outra questão. Para Adorno, a filosofia não deve pressupor a posse de um discurso infinito, onde todo individual e particular sejam, necessariamente, decifrados através de uma perspectiva filosófica totalizante, como ocorrera com o idealismo. A filosofia deve, ao contrário, retirar esta exigência porque corre o risco de iludir aos outros e a si mesma. O infinito não é alcançável, não pode ser enquadrado nas categorias do pensamento.

À filosofia é inerente também à especulação, desde que com ela não se pretenda chegar ao infinito. Com esta afirmação Adorno pretende marcar diferença entre o discurso filosófico e o discurso científico. A este último, o limite ao qual atinge é o teorema e a filosofia não deve se contentar com ele, mas tende a ultrapassá-lo. A especulação filosófica é, desta maneira, possível por intermédio da exposição. Por este termo Adorno entende o ato pelo qual a componente expressiva de todo enunciado filosófico emerge, ou seja, é a única forma de objetivar o discurso filosófico através da linguagem. Adorno indica sobre este aspecto que:

23 - Theodor W. ADORNO. Dialectica negativa, p. 21.

24 - Ibidem, p. 21.

“uma delicada exatidão na escolha das palavras como se estas tivessem que nomear a coisa, é uma das razões (...) pelas quais a exposição é essencial à filosofia.”²⁵

A componente expressiva da linguagem é, portanto, o elemento distintivo entre o discurso filosófico, da qual faz parte, e o discurso científico.

Contudo, a especulação filosófica é diferente da contemplação passiva. Especulação pressupõe um determinado esforço que lhe confere rigor. No entender de Adorno,

“uma filosofia especulativa sem subtrações idealistas exige fidelidade ao rigor para poder romper sua pretensão autoritária de supremacia... (No entanto) para que a filosofia seja mais que um puro mecanismo tem que expor-se ao fracasso total; essa é a resposta à absoluta segurança que subrepticamente impregnava a filosofia tradicional.”²⁶

Adorno acredita na possibilidade da filosofia não como sistema, mas enquanto forma sistemática e rigorosa de pensamento,²⁷ cujo conteúdo consegue escapar à hegemonia de um pensamento criador da unidade, característica do hegelianismo. Por sua vez, o conteúdo da filosofia especulativa apresenta-se como algo que é aberto, faz aparecer a força capaz de implodir a estrutura fechada e acabada do sistema. Por sua constituição própria, o sistema é incapaz de absorver todos os conteúdos que são abandonados e rejeitados como fragmentos. Aquilo que o sistema despreza é o mesmo que a dialética negativa toma como objeto. Os fragmentos deixados à margem pelo sistema tornam-se modelos para a análise reflexiva. Daí que, para Adorno, “*exigir rigor sem*

25 - Theodor W. ADORNO. *Dialectica negativa*, p. 57.

26 - *Ibidem*, p. 26-27.

27 - Reportamo-nos à distinção feita por D'Alembert entre “*sprit systématique*” e “*sprit de système*”. A filosofia, para Adorno, coincide com o primeiro termo. Sobre este aspecto, cf. Rodrigo DUARTE, *op. cit.*, p. 27.

sistema é exigir modelos para pensar... Pensar filosoficamente significa pensar em modelos; a dialética é um conjunto de análises de modelos."²⁸

A filosofia é, para Adorno, o mesmo que dialética, ou melhor, dialética negativa. Ela não é um método na pura acepção da palavra, que exigiria um canon procedimental e trabalhasse a partir de regras distintas, mas se efetua no exercício da linguagem. Sob este aspecto, pode ser entendida como retórica, apesar do sentido pejorativo que a tradição do pensamento ocidental imputou a esse termo. "*A dialética (...) seria a tentativa de salvar criticamente o momento retórico*"²⁹, afirma Adorno. A reabilitação da retórica assegura a dialética a possibilidade do seu exercício concreto a partir da linguagem. A dialética garante, então, um espaço capaz de se impor como um procedimento de análise, por oposição ao método analítico de leitura da realidade.

Adorno faz da tríade dialética, retórica e conteúdo o momento de realização crítica da filosofia, ao afirmar que "*a componente retórica se põe na dialética a favor do conteúdo.*"³⁰ Esta armação conceitual proposta por Adorno concede dignidade realizativa à filosofia quando associada a uma práxis dinamizadora, pois ambas as dimensões - teórica e prática - complementam-se mutuamente. A partir dessa concatenação, a filosofia pode ter um novo estatuto frente à realidade. Com a defesa imperativa deste momento, Adorno acredita ter conseguido recolocar a filosofia na seqüência do movimento da Aufklärung, agora reavivado.

Em nível prático, o projeto adorniano possui um objetivo fundamental: a crítica da sociedade burguesa a partir de suas contradições. Sobre este aspecto Susan Buck-Morss apresenta, de maneira sucinta, a intenção da filosofia adorniana:

"Adorno considerava que sua tarefa como filósofo era a de socavar o já vacilante marco do idealismo burguês ao expor as contradições que afetavam suas categorias,

28 - Theodor W. ADORNO. Dialectica negativa, p. 36.

29 - Ibidem, p. 62.

30 - Theodor W. ADORNO. Dialectica negativa, p. 62.

e seguindo sua lógica inerente. empurrá-las ao ponto de sua auto-destruição. Este era seu objetivo: consumir a liquidação do idealismo a partir de dentro."³¹

As considerações de Adornô partem da constatação real da perda de significação da filosofia enquanto instância de apreensão e reflexão crítica da realidade. A filosofia encontra-se destituída de sua responsabilidade pela própria filosofia, isto é, pela tradição de pensamento posterior a Hegel. Marx, explicitamente, tomou o idealismo alemão como responsável pela impotência conceitual ante um mundo mais complexo do que realmente o idealismo imaginara. O juízo marxiano de que os filósofos encarregaram-se apenas de interpretar o mundo esquecendo-se da sua transformação pode, por um lado, seguir na esteira dessa linha de interpretação depreciativa da filosofia. Mas, por outro lado, a afirmação de Marx pode servir como uma espécie de alerta para a própria filosofia, pois ela tem uma missão importante a cumprir no caminho da transformação do mundo. Adorno perfila-se na via desta segunda possibilidade.

A práxis, sem sua dimensão reflexiva, redundará em fracasso. Cabe, portanto, proceder à reunificação desses dois pólos, mas essa união só encontra justificativa se a reflexão presta-se como instância mediadora da práxis e vice-versa. Porém, a história do pensamento ocidental consolidou uma situação contrária. A reflexão não conseguiu caminhar ao lado da práxis e esta, por sua vez, distanciou-se da filosofia, caindo em um ativismo cego.

Adorno pretende repensar este quadro em que se encontra a filosofia. Ele acredita na razão, condutora do processo emancipatório da espécie humana. Para tanto, parte do empreendimento hegeliano, especificamente da dialética que, com a categoria da contradição, poderia trazer à tona os mecanismos de dominação, propiciando à práxis um horizonte no qual pudesse conduzir-se.

Adorno acredita também que a dialética negativa pode desvelar a ideologia burguesa através de uma crítica imanente, que parte de dentro das próprias concepções de vida e valores da burguesia. Com isto, objetiva contribuir para a implosão interna dessa classe social.

31 - Cf. Origen de la Dialectica negativa, p. 141.

3 - Considerações Finais sobre o Conceito Adorniano de Filosofia

Neste momento, algumas observações, a título de conclusão deste estudo, podem ser feitas com relação à teoria crítica adorniana. Entre outras, a mesma impotência que Adorno atribuiu ao pensamento de Hegel também pode ser encontrada na sua filosofia especulativa.

Objeta-se, geralmente, contra Adorno o peso excessivo colocado nas categorias provenientes do pensamento de Hegel tais como dialética, teoria e verdade, imprescindíveis para a análise crítica da sociedade. Contra Adorno pode-se, ainda, ponderar que a crescente complexificação das sociedades modernas demanda muito mais o recurso a categorias empíricas para uma análise mais consistente. Quanto a essa necessidade, Adorno a rejeita afirmando a superioridade da concepção dialética frente aos métodos analíticos. Na introdução à Dialética negativa essa posição é muito clara: Adorno quer preservar a especificidade da filosofia frente a outros campos do conhecimento, conferindo-lhe um estatuto próprio.

A concepção adorniana da filosofia, por outro lado, possui acentuada conotação epistemológica. A teoria do conhecimento tradicional tem se pautado pela discussão em torno da relação sujeito/objeto, ora acentuando a primazia do sujeito, ora colocando ênfase no objeto. Mas isso não significa que a concepção de Adorno esteja vinculada à teoria do conhecimento tradicional. A teoria crítica adorniana é diferente da concepção tradicional de teoria porque naquela o conhecimento é sempre mediado pela contradição, ou seja o elemento que impulsiona a atividade dialética.

Todavia, pode-se objetar tanto contra a teoria tradicional quanto a teoria crítica adorniana a referência ao sujeito individual como condição do conhecimento. Tanto a teoria tradicional como a de Adorno acentuam o papel do sujeito e da consciência como instância responsável pela produção do conhecimento. As palavras de Adorno acentuam essa disposição:

“em uma dialética transformada o sujeito, despojado de sua soberania, se converte virtualmente na verdadeira forma de reflexão da objetividade.

O indivíduo se converte em sujeito tanto quanto se

*objetiva por sua consciência individual: na unidade de si mesmo como na de suas experiências.*³²

A filosofia contemporânea, em contrapartida, tem se esforçado por superar o paradigma do sujeito e da consciência na mesma medida em que tenta encontrar uma alternativa frente à teoria do conhecimento. Desta maneira, assistimos ao fortalecimento das filosofias da linguagem, do pragmatismo, de uma nova filosofia da ciência não prescritiva e pós-empirista, que privilegiam não o sujeito solitário mas a comunidade de sujeitos dotados de capacidade de comunicação. Esses novos segmentos da filosofia têm ainda muito a oferecer e são promissores os caminhos abertos na tentativa de superar as aporias filosóficas do século XIX e do começo do século XX. A filosofia talvez encontre, desta maneira, um novo estatuto.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. *Dialectica negativa*. Tradução de José Maria Ripalda. Madrid: Taurus, 1975. p. 11-62.

_____. *Filosofia y superstición*. Tradução de Jesús Aguirre e Vitor Sanches de Zavala. Madrid: Taurus/Alianza, 1969. p. 9-25.

BUCK-MORSS, Susan. *Origen de la Dialectica negativa*. Tradução de Nora Rabotnikof. Cidade do México: Siglo Veintiuno, 1981.

DUARTE, Rodrigo A.P. Da filosofia da música à música da filosofia: uma interpretação do itinerário filosófico de T.W. Adorno. *Kriterion*. Belo Horizonte, v. XXXIII, nº 85, p. 9-30, Jan/jul 1992.

FREITAG, Barbara. *Teoria Crítica ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

32 - Theodor W. ADORNO. *Dialectica negativa*, p. 49 passim.